



Interdisciplinaridade-pensamento complexo-pensamento crítico.

Gênero em conhecimento. Urgência em tempos de barbárie¹

Mary Garcia Castro²

Intenção

Pretendo apresentar uma reflexão, em forma de ensaio (Adorno, 1986) sobre o nexo entre interdisciplinaridade e a formação de um conhecimento complexo, que resgate princípios do pensamento crítico e estético e que vá além da redução de junção ou mesmo diálogo entre disciplinas. Subjacente a tal perspectiva a defesa da importância do chamado paradigma da complexidade, por Edgard Morim (1991) e Morim & Le Moigne (2000) mas resgatando autores como Pablo Casanova (2006) e Martha Nausbaum (2010), que discutem a contribuição para tal paradigma, minha leitura, de vertente das ciências humanas embasada no pensamento crítico e nas artes e mais avançam em proposta de conhecimento político crítico e de intervenção. Tipo de postura político cognitiva importante para estes tempos, em especial considerando a onda conservadora que vem assolando vários países e que no Brasil assume *thriller* de barbárie civilizacional, alinhando-se, em alguma medida ao que Morim considera como o “paradigma da simplicidade”, ou melhor da simplificação e do reducionismo do mundo ao pensamento único de nova onda neoliberal, o que tento também neste espaço ilustrar com debates sobre gênero, a meu juízo uma ilustração de conhecimento ou “paradigma da complexidade” e a chamada “ideologia de gênero”, que apela para uma educação conservadora, ilustrativa do “paradigma da simplicidade”.

Pinceladas sobre interdisciplinaridade

Interdisciplinaridade no saber acadêmico há algum tempo se converteu em um modismo. Reitero posição sobre o debate relativo a interdisciplinaridade que faz parte de outro texto,³ quando observava que muito se tem escrito no Brasil e no

¹ Ampliação de texto apresentado em mesa sobre Abordagens Interdisciplinares e Experiências em pesquisa, UCSAL-Salvador, em 6 de maio de 2016.

² Phd em sociologia, pesquisadora FLACSO-BRASIL, bolsista CNPQ.

³ In CASTRO, Mary Garcia – “Por uma epistemologia interdisciplinar no campo das humanidades.”- xerox, apresentado in reunião da FAPESB, org. Terezinha Fróes, 2012-não publicado.



exterior, em particular a partir dos finais dos anos 70, ainda que este não seja um marco rígido, sobre interdisciplinaridade (Fazenda 1994, Alvarenga 2007)⁴.

Para o risco de modismo de um conhecimento que no justo afã contra a fragmentação do real, poderia ser interpretado como contrário à necessidades de saber especializado e assim fragilizaria a evolução de disciplinas específicas, quando possivelmente o que mais necessitemos seja de investimento em uma epistemologia que priorizando problemas sociais, existenciais, ecológicos, políticos focalizasse debates pautados pela alteridade, ou seja exposições ao outro, a outra, não somente de disciplinas diferentes, mas de cosmo visões, lugares político ideológicos diferenciados, pelo exercício da dialética discursiva, o enfrentamento dialógico de ideias, e o questionamento da hierarquia burocrática que divide papéis entre alunos e professores não por conhecimento ou criatividade, mas pelo posto formal institucional e estimula competitividades, isolamentos e o não exercício da solidariedade entre pesquisadores, principal motor de um trabalho intelectual prazeroso.

Portanto já em texto datado de 2012 advogava uma epistemologia, uma postura que questionasse hegemonias ou o que Vasconcelos (2009) denomina como "imperialismos epistemológicas", sem descuidar de a equação saber/poder, o que necessariamente pede perspectiva tanto multe quanto interdisciplinar e não só entre ciências exatas, biológicas e humanas, mas também entre humanas. Mas a construção de tal epistemologia pede muito mais. Pede reflexão crítica sobre totalidades, e principalmente, ambiência institucional de fomento ao trabalho intelectual crítico e criativo e cenários político-econômicos afins a cidadanias ativas, e uma educação emancipatória.

Uma ambiência positiva ao trabalho intelectual não necessariamente segue cânones da academia de hoje, uma ambiência mais preocupada com resultados

⁴ "A Interdisciplinaridade apresenta-se nos anos 1960 como uma importante precursora não somente na crítica, mas sobretudo na busca de respostas aos limites do conhecimento simplificador, dicotômico e disciplinar. Sua proposta nega o pressuposto básico do conhecimento "objetivo" do pensamento simplificador de que existe um "vazio" entre as fronteiras disciplinares, conforme assinala Kuhn (1975). É secundada, nesse processo: 1°. Pelo avanço das Ciências Naturais – a física quântica e a biologia – que atestam a necessidade das trocas entre diferentes disciplinas, assim como a adoção de uma nova relação sujeito observador – objeto observado no processo de conhecimento; 2°. Secundada também pela publicação de obras com reflexões epistemológicas como a de Karl Popper, A lógica da Investigação Científica, em 1959, na Inglaterra, que introduz o princípio da incerteza na ciência pela sua proposta não de uma "confirmação" de proposições científicas, para a verificação da verdade do conhecimento, mas de "falseabilidade" das teorias, como busca de verdades provisórias." Alvarenga, 2007.



imediatos, produtividade quantificada, preenchimento de relatórios e observância irrestrita de manuais e regulamentos. O livre construir de interconexões disciplinares e formatação de um conhecimento complexo são avessos a uma ambiência política, Brasil 2017, embasada em ódios, cartas marcadas no jogo institucional, fundamentalismos econômicos e religiosos e que por decreto exige que na escola se regressse sutilmente a uma orientação criacionista, recusa de diálogo com outras religiões, como a afro brasileira e a proibição de debates sobre relações sociais de gênero e diversidade sexual, tema que mais me referirei em outro trecho desta apresentação.

Importante ter claro que não existe consenso sobre o que seria uma postura interdisciplinar na produção de conhecimentos. Alinho-me a autores, como Pablo Casanova (2006) e Vasconcelos (2009) que recusam ser o conhecimento complexo um manual de como fazer pesquisa e sim advocacia de postura ético político científica. Autores que sugerem que há que investir em debates teórico-ideológicos, já que interdisciplinaridade é construído de um processo de busca por um novo conhecimento, o chamado 'conhecimento complexo', quando se destaca a preocupação com totalidades, com projetos sociais, e com processos de elaboração de conhecimentos, enfatizando o legado construtivista, a exemplo dos trabalhos de Piaget e Paulo Freyre (cit. In Casanova 2006).

Coloca-se em suspenso, o princípio que advoga Casanova (op. cit.) De que através de caminhos interdisciplinares se chegaria, a um conhecimento complexo com um projeto emancipador. Segundo CASANOVA (2006: 41).

A criação do novo implica uma série de conhecimentos 'necessariamente interdisciplinares'. Supõe uma nova divisão de trabalho, uma nova divisão interdisciplinar da pesquisa, da docência e da difusão. Essa nova divisão requer a superação da disciplina sem descuidar da especialidade. Exige também a atualização da educação científica, a reformulação dos conceitos de cultura geral e o fomento à cooperação multidisciplinar, enquanto se criam e fortalecem conhecimentos interdisciplinares. Segundo Piaget: 'O problema científico da 'criação de novidades' significa uma nova divisão de trabalho em que um especialista registra no trabalho do outro o que lhe interessa'. Obriga a estudar as partes e o todo de um modo estrito, mas distinto. Supõe novos perigos, como ler alguns livros de maneira não linear.

De fato, a interdisciplinaridade é uma perspectiva que potencializa saltos paradigmáticos, mas depende das perguntas, dos interesses e dos tipos de saberes que são combinados. Em si não é fórmula mágica para novos conhecimentos, nem necessariamente um caminho para um conhecimento complexo.



Questão 1: Interdisciplinaridade e disputas discursivas

Se temos como parâmetro um conhecimento que se aproxime do todo, sem amassar categorias desse, ou seja um conhecimento complexo, há que ter claro que interdisciplinaridade não se constrói apenas içando pontes entre disciplinas, mas principalmente por um processo de debates entre posturas, projetos, cosmovisões, inclusive entre razão científica e razão teológica, e o que os pós modernos, de forma pejorativa chamam, “as grandes narrativas”, como as perspectivas do materialismo científico sobre mudanças de sistema sócio político cultural e micro política, e os questionamentos sobre essências do humano, assim como o ideário de políticas de identidade e o livre pensar e se expressar, linguagem que na arte mais avança.

Em síntese, entende-se interdisciplinaridade como um projeto em outro projeto, o de pensar a complexidade, como bem indica Casanova (2006):

A interdisciplinaridade não é somente uma nova forma de organizar o conhecimento, mas uma busca de um novo conhecimento em prol da humanidade. Exemplo- perspectiva de Paulo Freire que propõe um conhecimento que parta da vida cotidiana e da região da qual se pensa um novo conhecimento, o que pede nexos entre pesquisa ação e docência – caso da alfabetização crítica (Casanova, 2006, p 46).

O problema central seria: como pensar e transformar a totalidade (in Pablo Gonzalez CASANOVA, 2006)

Questão 2: a ambiência institucional

A academia cada vez menos é um lugar de debate, de disputas de idéias e mais uma fábrica de produção de mercadorias, como artigos que quando muito são apresentados e debatidos em congressos ou em uma aula, mas não entre pares de uma mesma instituição, na comunidade de pertença intelectual. A academia, a escola, que segundo Hanna Arendt, deveria se a “casa da razão” viria inclusive em tempos ‘Temerosos’ sendo impelida a ser um negócio privado.

Ora razão é debate, analisar doxas, tornar transparente e ter a capacidade democrática de estimular disputas entre saberes/poderes.

Não há diálogo, disputa, debate intelectual possível em uma academia, que vem se estruturando pelo princípio capitalista da competição, da produção em série, do “publique ou lhe devoro”, separando cada vez mais o intelectual, o crítico, o ensaísta, do acadêmico e do analista de estudos de caso. Não há condições para o pensamento crítico em uma escola que disciplina corpos e mentes, podendo a construção de sujeitos.



Recorro, também a voos de pássaro a Martha Nussbaum (2010) sobre uma educação crítica e criativa para o exercício da autonomia e o lugar da escola⁵

Nussbaum (2010) advoga que faltaria uma orientação educacional nas escolas que reúna perspectiva defendida por Sócrates, qual seja de formar cidadãos e cidadãs críticos, criativos e orientados para argumentar, e a filosofia educacional de Rabindranath Tagore - prêmio Nobel de Literatura em 1913 e autor de perspectiva inovadora em educação. Tagore destacava o objetivo de 'empoderamento' dos jovens por sua exposição a diversas culturas e inserção da música, belas artes, teatro e dança em todo o currículo, como linguagem expressiva de formas de ser no mundo, em que o corpo, o desejo, o afeto, os valores de solidariedade, de interesse e respeito ao outro a outra, fossem estimulados.

Recorre à combinação entre humanidades e arte, apelando para Tagore, romancista, teatrólogo, filósofo e educador indiano, que fundou uma escola considerada não convencional. As aulas eram dadas ao ar livre, por debates e os currículos misturavam artes com matemáticas e ciências biológicas, entre outras. Os estudantes eram estimulados a deliberar sobre o dia a dia da escola e a organizar encontros de debates. Segundo Nussbaum (2010: 68):

Tagore foi também um impressionante filósofo cujo livro 'Nacionalismo' (1917) é uma grande contribuição ao pensamento sobre o Estado moderno e que na 'Religião do Ser Humano' (1930) argumenta que a humanidade só pode progredir, cultivando sua capacidade para uma simpatia mais inclusiva e que tal capacidade só pode ser cultivada por uma educação que compreenda a cultura global, artes e a perspectiva Socrática de auto crítica... Para ele as artes seriam básicas para o desenvolvimento da personalidade (Original em inglês. Tradução livre própria.)

Algumas referências sobre conhecimento complexo

Morin é uma das principais referências no debate sobre pensamento complexo. ALMEIDA, em "Para Compreender a Complexidade. (Hermosillo, Sonora, MÉXICO 2008: 32) reflete:

Un big-bang, como quiere Edgar Morín, caracteriza el nuevo perfil de la ciencia, sobretudo a partir de la segunda mitad del siglo veinte. Eso es comprensible: al panorama de una sociedad-mundo que tiene que ver con una multiplicidad de fenómenos y problemas

⁵ In Castro, M; Reis, S. e Abranovay, M " Limites dos conceitos de tolerancia, vulnerabilidade e protecao para o debate sobre autonomia e homo afetividade na escola" in <https://nugsexdiadorim.files.wordpress.com/2011/12/vulnerabilidades-protecta3a7c3a30-e-autonomia-direitos-humanos-e-homo-afetividade-na-escola-difc3adceis-combinac3a7c3b5es.pdf>



de toda classe y en todo lugar, corresponde una explosión descontrolada de ingenios científicos.

Seguindo a modelagem de Edgard Morim (1991) sobre o que seria um paradigma da complexidade, destaca-se a importância da crítica, da liberdade quanto a linguagens, da autonomia e da busca. Assim ainda segundo Almeida (2008: 38) sobre o pensamento de Morim:

Nadie puede conocer a través de mí, en mi lugar. Esta es la cara de a autonomía cognoscitiva. Todo 'sujeto conoce por sí mismo, en sí mismo y para sí mismo', resalta Edgar Morin. La simbiosis entre autonomía y dependencia no se restringe al proceso de producción de conocimiento. Es una dinámica esencial de los sistemas complejos. Así, en lo que dice respecto a la construcción social del individuo, podemos decir que mientras más depende de la información y mientras más vive situaciones diversas y experimenta múltiples estados del ser, más posibilidades tiene de auto-organizarse en formas más complejas y abiertas. La autonomía es una cara seguida de la dependencia. Es siempre temporal y parcial

Outra característica do conhecimento complexo é o interesse por emergências, o epocal, o novo, que encontra na linguagem artística mais campo por não preso a métodos rígidos. Sobre este ponto reflete Almeida (2008:43), decolando do trabalho de Morim:

Lo complejo lleva, supone o expresa emergencias. Como lo que es del orden del acontecimiento nuevo y no previsible, la emergencia es una noción crucial para comprender la complejidad. El surgimiento de la vida fue una emergencia en relación al dominio de lo no-vivo; un descubrimiento científico es una emergencia en relación al conjunto de conocimientos ya consolidados; la aparición de una nueva especie (la especie humana, por ejemplo) constituye una emergencia en la cadena de la evolución animal; un nuevo paradigma es una emergencia en la historia del conocimiento, y así sucesivamente. La emergencia habla acerca de una combinación original de elementos o padrones ya existentes. Dicho de otra manera, la emergencia supone relaciones inaugurales entre patrón y variación; universal y particular; unidad y diversidad. La creación artística y la singularidad del sujeto son (de forma análoga a lo que ocurre con la materia en general), expresiones de la emergencia en el dominio de la cultura humana.

Em resumo, sobre o conhecimento complexo, considerando Morim destaque, a partir de Vasconcelos (2009):

- Morim questiona o paradigma *da simplicidade*, o saber convencional, que se apegava à tradição, que inspira a fragmentação e o hermetismo atual das ciências e eu diria, também de ideários que se pretendem normativos, que se fixam em verdades e determinismos, fogem do novo, do emergente, e não dialogam com outros conhecimentos. E contrapõe esse ao que chamou *paradigma da complexidade*;



- por complexidade, entende o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e interretroativo entre o objeto do conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, as partes entre si. por isso, a complexidade é a união entre a “unidade e a multiplicidade”. “daí, ela apresentar-se „com os traços inquietantes da confusão, do inextricável, da desordem, da ambigüidade, da incerteza...” (Morin e Le Moigne, 2000: 38).

Aterrizando, Brasil: entre gênero como conhecimento e prática de vida e o que lhe imputam, ser uma ideologia

O Brasil hoje, vem enfrentando uma disputa mais que discursiva por formas de conhecer e viver que comprometem conquistas no plano da igualdade, contra discriminações, violências em relação ao outro a outra, tido como diferente e corta a ideia arendtiana da escola como a casa da razão.

A proibição do conceito de gênero nos Planos de Educação se embasa no disciplinar, nos dois sentidos: controlar vontades e corpos e eleger um conhecimento, não laico como o pensamento único, formas de simplificar o mundo.

O debate sobre gênero em perspectiva feminista crítica do patriarcalismo e ênfase na sua relação entre classe e raça, como saber em aberto ilustra a meu juízo a construção de um conhecimento mais afim ao paradigma da complexidade. Já o saber que se pretende normativo, que fundamentalistas e o pensamento conservador stigmatizam como ‘ideologia de gênero’, advogando princípios criacionistas, determinismos da natureza, do sexo, negando especificidades político culturais do ser ou estar homem ou ser ou estar mulher e assimetrias de poder, subordinando mulheres e os não inscritos em uma lógica heteronormativa, a meu juízo estaria mais afim ao *paradigma da simplificação*.

Seguem, em quadros, algumas ilustrações do que se entende por gênero, em autores feministas e por “ideologia de gênero”, em autores alinhados a fundamentalismos, que sugerem alinhamento a paradigmas em disputa



QUADRO 1

Ilustração de conhecimento relacionado ao paradigma da complexidade – gênero – um conceito em aberto

Aportes diferenciados sobre o conceito em autoras feministas

1. Joan SCOTT (1990)

CONCEITO – Gênero seria elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e forma primária de significar as relações de poder.

Os estudos de gênero substituíram os estudos sobre a MULHER, na busca de legitimação acadêmica. Se o termo gênero perde em força política, ganha em conteúdo social e relacional das distinções baseadas no sexo

Relações de gênero implicam em relações de PODER e portanto implicam em hierarquias. Incluem ainda a noção de reciprocidade na definição normativa do que é ser mulher e do que é ser homem

Gênero enfatiza DIFERENÇAS entre os sexos

2. Teresa DE LAURETIS (1987)

CONCEITO – Gênero como representação que é também sua própria construção não só onde parece obvio, como nos 'aparelhos ideológicos do estado' mas até no feminismo. Paradoxalmente sua construção é afetada por sua desconstrução.

Crítica a idéia de uma MULHER universal, uma essência arquetípica de mulher. **Ênfase na DIFERENÇA entre mulheres e na MULHER**

Gênero representa um individuo em uma CLASSE

Parte na noção de MICROPODER de Foucault, para entender gênero, seja representação ou auto representação, como produto de varias tecnologias sociais

Crítica gênero entendido como DIFERENÇA SEXUAL que dificulta ou torna impossível articular diferenças entre mulheres. O sujeito constituído em gênero (na experiência de raça e classe) não é único e dividido, mas múltiplo e contraditório.

3. Helleieth SAFFIOTI (1990)

CONCEITO – Maneira de existir do corpo, entendido como campo de possibilidades culturais recebidas e reinterpretadas; se constroi-expressa através de relações sociais(de PODER) em processo infinito de modelagem-conquista de seres humanos

As relações de gênero como relações de PODER, são contraditórias, onde, ambos os pólos detém uma parcela desse poder. MULHERES sobrevivem não somente pelos poderes femininos, mas também pela luta que travam com os HOMENS.

4. Judith BUTLER (2003) por RODRIGUES, Carla (2005)

“. O principal embate de Butler foi com a premissa na qual se origina a distinção sexo/gênero: sexo é natural e gênero é construído. O que Butler afirmou foi que, "nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino" (p. 26). Para a contestação dessas características ditas naturalmente femininas, o par sexo/gênero serviu às teorias feministas até meados da década de 1980, quando começou a ser questionado.

Butler apontou para o fato de que, embora a teoria feminista considere que há uma unidade na categoria mulheres, paradoxalmente introduz uma divisão nesse sujeito feminista. **Butler quis retirar da noção de gênero a idéia de que ele decorreria do sexo e discutir em que medida essa distinção sexo/gênero é arbitrária.**



No Quadro anterior, reflexões que sugerem orientações diversificadas em relação ao conceito de gênero no campo da literatura feminista. Já no Quadro seguinte, concepções sobre o que chamam de “ideologia de gênero” e que a meu juízo ilustram como tais formulações mais se orientam por um *paradigma da simplicidade*, na simplificação sobre o acervo e a trajetória do debate sobre gênero

QUADRO 2

Algumas formulações sobre o que se entende por “ideologia de gênero”

(Fonte: Internet)

- “A *Ideologia de Gênero*, ou melhor dizendo, a **Ideologia da Ausência de Sexo**, é uma crença segundo a qual os dois sexos — masculino e feminino — são considerados *construções culturais e sociais*, e que por isso os chamados “*papéis de gênero*” (que incluem a maternidade, na mulher), que decorrem das diferenças de sexos alegadamente “construídas” — e que por isso, não existem —, são também “construções sociais e culturais”.
- Por exemplo, a feminista Gloria Steinem queixa-se da “*falsa divisão da natureza humana em ‘feminino’ e em ‘masculino’*” (sic). E a escritora francesa Simone Beauvoir pensou a gravidez como “*limitadora da autonomia feminina*”, porque, alegadamente, “*a gravidez cria laços biológicos entre a mulher e as crianças, e por isso, cria um papel de gênero*”.
- (In <http://sofos.wikidot.com/ideologia-de-genero> consultado em 5.4.2016)
- “O que é a “Ideologia de Gênero”?”
- A “Ideologia de Gênero” afirma que ninguém nasce homem ou mulher, mas deve construir sua própria identidade, isto é, o seu gênero, ao longo da vida.
- O que significa “gênero”, então?
- “Gênero” seria uma construção pessoal, auto-definida, e ninguém deveria ser identificado como “homem” ou “mulher”, mas teria de inventar sua própria identidade.
- Quer dizer que essas pessoas acham que “ser homem” e “ser mulher” são papéis que cada um representa como quiser?
- Exatamente. Para eles, não existe “homem” ou “mulher”, é cada um que deve inventar sua própria personalidade, como quiser.
- **MAS ISSO É UMA LOUCURA! POR QUE ALGUÉM IRIA QUERER ISSO?**

- Talvez você já tenha visto na televisão **alguém dizer que a família é uma instituição antiquada**, e que os tempos mudaram, que precisamos “abrir a cabeça”?

Existem **organizações muito ocupadas em destruir nossas famílias**. Dizem que o povo é muito fora de moda e que precisamos deixar os ensinamentos dos antigos e nos abirmos às novidades. E que novidades! (in OBSERVATORIO INTERAMERICANO DE BIOPOLITICA, consultado em 15.4.2016)

Sobre “Gênero”-DISPUTA DISCURSIVA- SABER/PODER

“De fato, uma parte considerável dos que se dispuseram a lutar contra a inclusão da palavra “gênero” nos currículos escolares mal sabe quem é Judith Butler e o que significa a sua



teoria dos queers. Melhor seria, é verdade, que, antes de se exporem ao confronto com um pensamento tão complexo, tivessem estudado a fundo a questão. Alicerçada na máxima fides quaerens intellectum, a Igreja sempre defendeu a importância da razão sobre o fideísmo das seitas, cujas doutrinas negam essa faculdade humana que mais nos assemelha a Deus. Até para excomungar o Código do Direito Canônico exige que o fiel tenha conhecimento pleno do delito que cometeu.

(Por Equipe Christo Nihil Praeponere postado em 24.9.2015, consultado em 5.5.2016 -<https://padrepauloricardo.org/blog/tag/443-ideologia-de-genero>)

(cont. – DISPUTA) “Mas será mesmo a "ideologia de gênero" uma "invenção de católicos”?

“Os "estudos de gênero" (gender studies) – que começaram a surgir nas universidades ainda na década de 1960, **evoluindo nos anos 80 para a proteção das chamadas "minorias LGBT"** – não nos deixam mentir. A teoria gender não só existe, como já está dando os seus frutos ao redor do mundo.

Para entender como funciona essa ideologia, seguem aqui alguns dos seus principais "mandamentos", princípios sem os quais toda a farsa desmorona e não se pode ir adiante no processo revolucionário.

I. Não há diferenças entre homens e mulheres A finalidade original dos "estudos de gênero" (gender studies) nos anos 60 era afirmar a absoluta igualdade entre homem e mulher, a fim de libertar e emancipar esta última da "discriminação". Era preciso negar a distinção entre masculino e feminino, contestando, por exemplo, a existência de profissões tipicamente masculinas e outras tipicamente femininas, além de negar as especificidades dos papéis materno e paterno na educação dos filhos. Para a ideologia de gênero, homem e mulher são intercambiáveis em qualquer função. A importância do papel da mulher, particularmente no âmbito familiar, não passaria de uma convenção social e de uma opressão histórico-cultural, da qual ela se deveria libertar.

II. O sexo biológico é modificável A ideologia de gênero vê o sexo biológico como um dado transitório e maleável, que pode ser tranquilamente transformado pela escolha de um "gênero" diferente, não importando a idade em que a pessoa se encontre. Comportamentos como a transexualidade são encorajados e vistos como demonstração de liberdade e emancipação individuais. (Embora, na verdade, não seja nada disso.)

A própria definição de ser humano, ainda que a nível burocrático, passa a ir além dos dois sexos biológicos universalmente reconhecidos (masculino e feminino), adaptando-se a infinitas e fantasiosas nuances de gênero. As redes sociais já se adequaram a essa ditadura ideológica. No formulário de cadastro do Facebook, por exemplo, constam 56 diferentes formas de uma pessoa definir a própria sexualidade. Enquanto isso, as legislações de alguns países afora já reconheceram, além dos sexos masculino e feminino, um fantasmagórico gênero "neutro".

III. Família natural? Um estereótipo. Para os ideólogos de gênero, a família natural, composta por pai, mãe e filhos, não passa de um estereótipo cultural baseado na antiga opressão do homem sobre a mulher – agora superada pela liberação sexual feminina e pelas várias definições abstratas de gênero. Superado o esquema homem-mulher, até mesmo a ideia tradicional de família vem abaixo.

O plural passa a ser obrigatório: não existe mais "a" família, mas "as" famílias, que incluem todo agregado social fundado sobre um conceito genérico de "amor". Entram na lista, obviamente, até mesmo os relacionamentos chamados "poliafetivos", que constituem o mais novo objeto de reivindicações políticas e sociais.

IV. "Dessexualizar" a paternidade Se a família natural não passa de um estereótipo, a consequência inevitável é a dessexualização da paternidade. Os filhos deixam de ser frutos da relação sexual entre um homem e uma mulher para serem gerados artificialmente por qualquer grupo social. Promove-se a fecundação in vitro e sustentam-se práticas objetivamente brutais, como a da "barriga de aluguel".



Falar do direito de uma criança ser educada por um pai e uma mãe é considerado ofensivo. Os homossexuais não só passam a ter o "direito" de adoção, como as suas relações são alçadas à categoria de "modelo", não obstante as sérias e abalizadas objeções de quem viveu na pele o drama de ser criado por pares do mesmo sexo:

"A maior parte das crianças criadas por 'pais gays' tem dificuldades com sua identidade sexual, está se recuperando de abusos emocionais, lutando contra o vício nas drogas, ou estão tão feridas por sua infância, que lhes falta a estabilidade de vir a público e encarar os ataques de um lobby gay cada vez mais totalitário, que recusa a admitir que haja algo errado em tudo isso."

"V. **Conquistar as escolas e a mídia** Para realizar a sua "colonização ideológica" – como denunciou o Papa Francisco –, um passo importante no avanço da agenda de gênero é conquistar os ambientes de educação e de comunicação: as escolas e a mídia. É decisivo para esses ideólogos conseguir o dinheiro público para entrar nos institutos escolares e formar as mentes de gerações e mais gerações de jovens e crianças na sua cartilha. Cursos e seminários sobre a "igualdade de gênero" ou a "homofobia" não passam, pois, de Cavalos de Troia, cuidadosamente introduzidos nas escolas e nas universidades para modelar e (de)formar as almas dos mais frágeis."

(Por Equipe Christo Nihil Praeponere postado em 24.9.2015, consultado em 5.5.2016 (<https://padrepauloricardo.org/blog/tag/443-ideologia-de-genero>))

No Quadro anterior a clara redução de um complexo conhecimento como gênero, a expressões reducionistas como se todas as vertentes desse conhecimento necessariamente fossem alinhadas à crítica à família. Os que advogam postura ante gênero, apresentam um claro gênero de ideologia, que comporta: compreensão da família como uma instituição monolítica, tipo nuclear completa; equiparação de desejo, sexualidade, afetividade a um padrão normativo de sexualidade, hetero; e a intenção de reduzir sexualidade à procriação. Além de alinhamento a um anacrônico ponto de vista biológico, dicotômico, além da confusão entre sexo e gênero. Fica claro que mais que ignorância, há uma disputa por frear a modernidade e por uma orientação por um saber/poder de controle de corpos, desejos e apelo para o medo das famílias mais convencionais de vir a ter filhos que busquem linguagens autônomas de ser. A defesa de fundamentalistas de uma escola que domestique vontade e aborte uma perspectiva criativa e crítica se conjuga à abolição da conquista republicana por uma escola laica e o domínio de uma educação religiosa mono orientada.

Fechando, ou melhor, abrindo questões

Como sugere CASANOVA (2006, cit. in Castro 2011) a interdisciplinaridade poderia vir a colaborar não só na crítica ao outro conhecimento, à outra disciplina, mas também às nossas referências, considerando projetos de intervenção que mais aproximem o ser e o saber

Mas o pensar no complexo criticamente interpela a questão da educação



Todos os autores que apostam como um vir a ser um conhecimento crítico e voltado a complexidade, relacionado a projeto emancipatório advertem da necessidade de se apostar em uma outra educação.

Segundo Almeida:

Consciente de que la construcción de una sociedad más justa e igualitaria sólo es posible por medio de una nueva y compleja comprensión del mundo, Morin ha apostado en los últimos años a la reforma del sistema educativo. Libros como Los siete saberes necesarios para la educación del futuro, La cabeza bien puesta, La reconexión del saber y Educar en la Era Planetaria (en colaboración con E. R. Ciurana y R. Motta) muestran su interés prioritario en la educación.

La apuesta de Edgar Morin en una educación para la complejidad permite enunciar una agenda de principios múltiples, que sintetizo así: Almeida:

1. Pensar la educación como una actividad humana cubierta de incertidumbres e indeterminaciones, pero también comprometida con los destinos de los hombres, mujeres y niños que habitan en nuestra "tierra patria";
2. Practicar una ética de la competencia que permita al mismo tiempo un pacto con el presente sin olvidar nuestro compromiso con el futuro;
3. Buscar las conexiones existentes entre el fenómeno que queremos comprender y su ambiente mayor;
4. Retirarse de la ortodoxia, de las fáciles respuestas finalistas y completas;
5. Ejercitar el diálogo entre los varios dominios de las especialidades;
6. Dejar emerger la complementariedad entre arte, ciencia y literatura;
7. Transformar nuestras enseñanzas en lenguajes que amplíen el número de interlocutores de la ciencia.

Cultivar esos siete principios tal vez sea un buen ejercicio para reconectar las teorías, los conocimientos y la ciencia, lazos indisolubles de la tela de la vida. (p 38)

Insisto o paradigma *da complexidade* é temido pelo conhecimento conservador, normatizado, que busca disciplinar corpos, vontades e principalmente o que mais teme, a constituição de cidadanias jovens, contestadoras e críticas.

Lembremos que para Sócrates uma vida que "não se auto examina, não se auto questiona não é digna de ser vivida por nenhum ser humano"⁶ (in NUSSBAUM op. cit. p 47). Para Nausbaum um problema é que as pessoas que não se auto questionam, são altamente influenciáveis, autoritárias e 'intolerantes' com os 'diferentes'. São cidadãos e cidadãs ideais para uma cultura política que se apoia em conformismos e subserviências. Mais que disputas discursivas sobre paradigmas são tempos de ataques ao pensar criticamente, simplificar o complexo e tentar negar a possibilidade de cidadanias ativas, sujeitos por emancipação.

⁶ id.



Referências

ADORNO, Theodor W "O Ensaio como Forma" in COHN, Gabriel e FERNANDES, Florestan. **Theodor W. Adorno. Sociologia**, Ed Ática, São Paulo, 1986

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Para Comprender la Complejidad**, Hermosillo, Sonora, MÉXICO 2008

ALVARENGA, Augusta Thereza de. **A importância e Desafio da Interdisciplinaridade para o Avanço da Ciência e Tecnologia no Mundo Contemporâneo**-Faculdade de Saúde Pública, USP. Apresentado na Reunião de Coordenadores dos Programas de Pós Graduação da Área Multidisciplinar da CAPES, Brasília, 2007-*power point*

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade Rio de Janeiro**: Editora Civilização Brasileira, 2005

CASTRO, Mary Entre a intenção e o gesto ou quão interdisciplinar somos? Ensaio sobre a perspectiva interdisciplinar e estudo de caso sobre uma produção de estudos no campo de Família. In: <http://www.aninter.com.br/ANAIS%20I%20CONITER/GT17%20Estudos%20de%20fam%20EDlia%20e%20gera%20E7%20F5es/ENTRE%20A%20INTEN%C7%C3O%20E%20O%20GESTO%20OU%20OU%C3O%20INTERDISCIPLINAR%20SOMOS%20-%20Trabalho%20completo.pdf>

CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES - Niterói RJ: ANINTER-SH/ PPGSD-UFF, 03 a 06 de setembro de 2012, ISSN 2316-266X

CASANOVA, Pablo As **Novas Ciências e as Humanidades**. Da Academia à Política. Ed Boi Tempo, São Paulo, 2006

CASTRO, Mary Garcia – "Por uma epistemologia interdisciplinar no campo das humanidades. "apresentado em Seminário sobre Interdisciplinaridade, FAPESB, org. Terezinha Froes, 2011-não publicado

MORIN, Edgard **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa, Ed.Piaget, 1991

MORIN, Edgard & LE MOIGNE, Jean Louis **A inteligência da complexidade**. Ed Vozes, Petrópolis, 2000

VASCONCELOS, Eduardo Mourão **A Complexidade e Pesquisa Interdisciplinar. Epistemologia e Metodologia operativa**. Ed Vozes, Petrópolis, 2002